

Que som é esse? Batendo copos na escola

Edgar Mendes Soares

Escrevendo o currículo

No início do ano letivo de 2016, algo me chamou a atenção: ao andar pelo pátio da escola, notei que alguns alunos reunidos em pequenos grupos faziam batidas ritmadas no chão utilizando copos. Noutro dia, ao entrar na sala do 3º D, do Ensino Fundamental da EEFMT Profa. Maria Theodora Pedreira de Freitas, alguns alunos estavam brincando com os copos em cima da carteira e, logo que me viram, rapidamente esconderam o material. Observando isso, constatei que seria uma boa tematização, pois se tratava de uma manifestação cultural que acontecia às margens da cultura escolar e já estava na hora de desestabilizar as forças que agiam sobre essa prática corporal colocando-a numa posição marginalizada.

Ao mencionar que a brincadeira seria estudada nas aulas, a maior parte da sala se mostrou motivada, colocando os copos que estavam escondidos em cima da mesa novamente; porém, alguns meninos, reclamando, disseram que queriam jogar futebol e não bater copos.

De início, perguntei como era chamada essa brincadeira; após alguns segundos, uma menina disse: “Ah, professor! Nós chamamos de bate-copo”. Então, escrevi na lousa o nome mencionado e levantei com a turma informações a respeito da sua ocorrência social: **onde** eles faziam ou viam alguém fazer, **com quem** aprenderam e **como** se faz. Além disso, também recomendei uma pesquisa em casa para descobrirem quem mais brincava de bate-copo fora da escola ou identificar outras brincadeiras que pudessem assemelhar-se a essa.

As respostas ajudaram a entender como aquela prática apareceu na escola. Na pergunta “Onde?”, eles falaram que na aula de música, no YouTube e no WhatsApp. Quando perguntei “Quem?”, disseram: a professo-

ra de música e o grupo Palavra Cantada. E à pergunta “Como?”, demonstraram na carteira e disseram “Com esse ritmo”.

Ao perguntar-lhes sobre a aula de música, eles falaram que certo dia a professora emprestou copos para que tentassem reproduzir o ritmo da música “Fome-come”, do Palavra Cantada. Mas, perguntando se todos sabiam fazer o ritmo da música, alguns responderam negativamente. Encerrei a aula explicando a pesquisa e solicitando que trouxessem copos de plástico, quaisquer que fossem, para a realização das vivências.

Durante a semana, elegi alguns objetivos para essa tematização:

- valorizar o patrimônio cultural infantil;
- posicionar os alunos como produtores culturais e agentes no processo de ensino-aprendizagem;
- aprofundar e ampliar os conhecimentos sobre a prática tematizada;
- ressignificar a prática tematizada e o uso das tecnologias na escola.

Na aula seguinte, conversamos sobre os resultados da pesquisa. Uma criança relatou que o bate-copo aparecia no YouTube num vídeo da Sofia Oliveira e no do grupo Palavra Cantada. Outra informação levantada referiu-se às práticas parecidas com bate-copo, assim surgiu “torre-copos”, “bater tambores” e “pular corda”. Percebi que eles foram além do que havia imaginado, ao associar pular corda com bate-copo, porque ambos necessitam de ritmo. Considerei que nessa tematização aprenderia tanto quanto os alunos.

Em seguida, fomos vivenciar a brincadeira na quadra e, sabendo que alguns tinham dificuldade, propus que quem sabia fazer o bate-copos tinha que se juntar com quem não sabia para ensinar o amigo. Alguns não haviam trazido copos, mas uma aluna que possuía um *kit* completo do jogo “torre-copos” os emprestou aos colegas. No final da aula conversamos sobre as principais dificuldades de fazer bate-copos.



Socializando como se faz.

Com base na pesquisa realizada pelos alunos, procurei no YouTube vídeos do Palavra Cantada, da Sofia Oliveira e também da atriz Ana Kendrick, que num clipe se apresenta cantando num restaurante e os clientes fazendo sons de batidas de seus copos, música conhecida como “Cup Song”. Os alunos ficaram muitos empolgados, principalmente quem citou na pesquisa a Sofia Oliveira e o grupo Palavra Cantada. Após a assistência ao vídeo, comentei que o bate-copos ficou muito famoso também num filme da Anna Kendrick chamado *Pitch Perfect* e, inspirado na variedade de batidas diferentes, instiguei-os a refletir sobre a variedade de maneiras de brincar de bate-copos. São muitas as formas e várias as batidas.



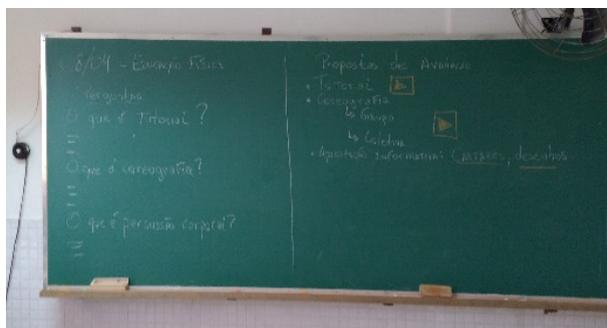
Assistindo aos vídeos.

Nas vivências seguintes continuamos a socializar os conhecimentos sobre a prática para que se apropriassem mais efetivamente da gestualidade específica. Nessas ocasiões utilizamos um pátio da escola, visto que

possuía mesas compridas e também serviria para ressignificar os ambientes da escola. Alguns gostaram, porém outros questionaram o espaço, indagando por que não íamos para a quadra. Comentei que todo o espaço da escola pode ser usado para aprender e que a Educação Física não precisa ser somente na quadra para ser Educação Física.

Durante essas vivências, disponibilizei meu caderno de registros para os alunos escreverem o que mais gostariam de saber sobre o bate-copos. Inicialmente estranharam, mas pouco a pouco o número de participações cresceu. A ideia é que eles fossem protagonistas de suas aprendizagens. Entre outras curiosidades, anotaram que queriam saber: se fazem bate-copos em outros países, como se faz o bate-copos e se existem outras músicas que acompanham a brincadeira.

Após aulas e aulas, quando pude notar que o grupo já havia se apropriado da gestualidade, decidi propor que ressignificassem as formas de batidas e as músicas cantadas. Para tanto, problematizei se só era possível fazer o bate-copos de um jeito ou se havia outras possibilidades e batidas com ritmos diferentes. Desafiei-os a pensar como fariam, mas sugeri que formassem grupos e que cada grupo elaborasse uma produção rítmica diferente da batida a que estavam acostumados. Pensando em ampliar ainda mais seus conhecimentos, antes de vivenciar as formas criadas pelos grupos, coloquei algumas questões para a casa no quadro com a pretensão de discuti-las nas próximas aulas. Lembrando que alguns dos vídeos a que assistimos eram tutoriais, conversamos sobre a importância do tutorial, da coreografia e da percussão corporal. O processo de criação que se sucedeu durou algumas aulas.



Pesquisa para a casa.

Durante a semana, ao pesquisar vídeos na internet para ilustrar as questões encaminhadas, voltei ao caderno de registros e me detive nas dúvidas anotadas pela turma.

Na aula seguinte, assistimos a vídeos de algumas apresentações de diferentes países, incluindo a dupla Cups, algumas apresentações do grupo Barbatuques e dois diferentes tutoriais de *cup song*. Após assistirmos aos vídeos, retomei os questionamentos sobre tutorial, coreografia e percussão corporal. As crianças se manifestaram a partir das imagens assistidas, o que me permitiu sistematizar as respostas e chegarmos a conclusões bastante razoáveis. Além da atividade que já vinham fazendo, a ressignificação das batidas, surgiu a ideia de elaborar um tutorial ou um cartaz informativo sobre o bate-copos.



Criando tutoriais e cartazes.

Voltando às vivências, alguns grupos já haviam finalizado sua coreografia, então a apresentaram à turma. Essas apresentações foram filmadas a fim de que os alunos pudessem assistir a elas e completar o percurso do trabalho. No caderno de registros pedi que escrevessem suas opiniões,

ideias e sugestões sobre o bate-copos. Várias crianças contribuíram, afirmando que era muito divertido e legal.

Noutra aula retomei a explicação sobre os artefatos a serem produzidos. Em seguida, os alunos decidiram o que iriam realizar entre as opções. Passadas algumas aulas dedicadas aos ensaios, os grupos afirmaram que estavam preparados para ter suas coreografias filmadas em forma de tutorial e, também, para apresentar os cartazes. Cada grupo usou um celular próprio ou emprestei o meu.

Foram produzidos três cartazes: um explicava como fazer o *cup song*, outro detalhava o que aprenderam nas aulas sobre bate-copos e outro descrevia a pesquisa sobre a tábua *ouija*: uma superfície plana com letras, números e símbolos em que se coloca um indicador móvel (no caso, o copo) que sirva como instrumento de comunicação com espíritos (no Brasil é conhecido como brincadeira do copo, jogo do copo ou, quando realizado com compasso, é conhecido como jogo do compasso).



Mesa ou tábua *ouija*.



Tutorial em formato de cartaz.

Também foram produzidos quatro tutoriais que ensinavam coreografias e músicas no bate-copos. Finalizada essa etapa, as aulas foram suspensas devido aos ensaios para a festa junina. Quando retornaram, elaborei uma apresentação em PowerPoint que contemplava o trajeto com fotos, vídeos e frases, mencionava os objetivos pedagógicos e o porquê de realizarmos determinadas atividades, e também falava da importância do caderno de registros, pois ele contribuía para pensar as aulas seguintes.

Revendo o percurso com outro olhar – de observadores de suas próprias vivências, aprendizagens e atitudes – pude observar que os olhos deles brilhavam ao assistirem a suas produções e as comentarem. Enfim, pedi que falassem sobre as impressões que tiveram acerca da apresentação do fechamento. As palavras mais ouvidas foram: “gostamos” e “aprendemos muito”.

Considerações finais

A postura problematizadora adotada favoreceu condições para colocar em xeque os significados atribuídos à manifestação corporal estudada, desconstruindo sua marginalização no espaço escolar.

Através da tematização dessa prática foram observadas mudanças de atitudes frente à brincadeira, inicialmente vista com maus olhos no ambiente escolar. As atividades de ensino contribuíram para a desestabilização do poder que a deslegitimava. Passadas as primeiras aulas, tão logo entrava na sala, os alunos colocavam os copos nas mesas para iniciar as vivências. Percebi que as ações didáticas aprofundaram e ampliaram seus

conhecimentos ao destacar outros países, outras músicas tocadas e outras formas de fazer bate-copos.

Uma das características do currículo cultural é que as vivências são acompanhadas de leitura e significações, não se devendo preocupar com a *performance* segundo padrões preestabelecidos. As situações didáticas não pretenderam que todos os alunos se apropriassem das técnicas empregadas, ao contrário, um dos princípios que norteiam essa prática pedagógica é evitar o daltonismo cultural, ou seja, evitar a homogeneização ou universalização da diversidade que caracteriza os estudantes, bem como dos resultados das ações formativas. Para tanto, foram sugeridas formas diferentes de participação.

O protagonismo dos alunos na formação de seus grupos e coreografias, cartazes e tutoriais ficou evidenciado nas aulas. Percebi que o uso de *smartphones* foi ressignificado durante as aulas, pois mesmo disponibilizando o meu, alguns trouxeram seus próprios aparelhos para as filmagens, resistindo aos discursos proibitivos que circulam no espaço escolar.

O registro contínuo foi indispensável para reorientar as situações didáticas entre as aulas e avaliar o processo como um todo, pois, uma vez que o mapeamento diagnosticou a cultura de chegada, os registros realizados pelo docente facilitaram a identificação das insuficiências e alcances das situações didáticas. Nessa tematização, os questionamentos, interesses e conflitos colaboraram para planejar as novas atividades de ensino.

Surgiram também hibridizações nas apresentações e cartazes, como a mistura de danças e percussão corporal com bate-copos, além do cartaz da tábua *ouija*, que apresentava outro significado ao uso do copo. Entretanto, mesmo partindo de pressupostos do currículo cultural – colocando no centro uma manifestação cultural marginalizada na escola e, baseando-nos nos princípios de justiça curricular, buscando evitar o daltonismo cultural e a ancoragem social –, não discutimos, na minha opinião, nenhum marcador social, o que é importante numa perspectiva culturalmente orientada.